



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

**A HARMONIA VOCÁLICA NOS VERBOS DO PORTUGUÊS:  
SINCRONIA E DIACRONIA**

**MARCELLA KAROLINE BELO RODRIGUES**

**RIO DE JANEIRO  
2016**

MARCELLA KAROLINE BELO RODRIGUES

A HARMONIA VOCÁLICA NOS VERBOS DO PORTUGUÊS:  
SINCRONIA E DIACRONIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/  
latim.

Orientador: Professor Doutor Gean Nunes Damulakis

Rio de Janeiro  
2016

R 696h      Rodrigues, Marcella Karoline Belo  
              A harmonia vocálica nos verbos do português:  
              sincronia e diacronia / Marcella Karoline Belo  
              Rodrigues. -- Rio de Janeiro, 2016.  
              30 f.

              Orientador: Gean Nunes Damulakis.  
              Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
              Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
              de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
              Latim, 2016.

              1. Harmonia Vocálica. 2. Fonologia. 3. Teoria  
              da Otimalidade. I. Damulakis, Gean Nunes, orient.  
              II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 O SISTEMA VOCÁLICO NA PASSAGEM DO LATIM AO PORTUGUÊS.....	5
3 A HARMONIA VOCÁLICA.....	7
3.1) Definição.....	7
3.2) Estudos sincrônicos.....	7
3.3) Estudos diacrônicos.....	13
4 HARMONIA VOCÁLICA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE .....	19
4.1) corpus.....	19
4.2) dados.....	20
4.3) análise.....	22
4.3.1) Análise quantitativa.....	22
4.3.2) Análise segundo a TO.....	24
5) CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6) BIBLIOGRAFIA.....	31

## 1) INTRODUÇÃO

Pretendemos, neste trabalho, abordar o fenômeno fonológico da Harmonia Vocálica que ocorre na conjugação verbal portuguesa, partindo do estudo sincrônico, pelo viés da Teoria da Otimalidade, e tendo em vista uma descrição de outro momento da língua portuguesa, o português arcaico. Propomos realizar uma investigação do processo de Harmonia Vocálica buscando correspondência de tal fenômeno no Português Arcaico, de forma a estudar o processo de mudança linguística ocorrida entre dois momentos da língua portuguesa. Além disso, ao final serão mostrados os resultados de uma análise experimental, em que tentamos identificar a produtividade da Harmonia Vocálica no atual momento do português, efetuada a partir de testes de produção com alunos da graduação da Faculdade de Letras da UFRJ.

Este trabalho está dividido em três seções: inicialmente, após uma breve apresentação do sistema vocálico do português na passagem do latim ao português, faremos uma apresentação do tema estudado, com base nas definições encontradas na literatura. Consultamos autores que consideram o fenômeno em questão a partir de um viés histórico, como Nunes (1969), Cavacas (1921), Williams (1975) e Vasconcelos (1930). Já de acordo com a perspectiva sincrônica, encontramos em Harris (1974), Wetzels (1991) e Schwindt (2007) análises, a partir de teorias distintas, que nos ofereceram diferentes perspectivas teóricas sobre a harmonia vocálica. Neste capítulo, pretendemos reunir o maior número de visões sobre o assunto, tomando-as como direcionamento nos primeiros momentos do trabalho.

Na próxima seção, o intuito é detectar, com base num conjunto de textos escritos no período arcaico do português, quais seriam as correspondências diacrônicas do fenômeno sincrônico em estudo, verificando como e quando teria nascido. Nesta abordagem, consideramos três fases que constituem o processo de mudança linguística: o Período Arcaico, que se inicia por volta de 1214 e prossegue até 1420, o Período de Variação ou Transição, começando em 1420 e seguindo até 1536, e, por último, o próprio Período Moderno, a partir de 1536, aproximadamente. Esta divisão não ocorre na prática, havendo inclusive divergência entre os autores que a propõem. Porém

adotamos, com alteração apenas das nomenclaturas<sup>1</sup>, a divisão proposta por Silva Neto (1950), no intuito de facilitar o estudo e, portanto, a compreensão do fenômeno.

Neste momento, na primeira subseção, realizamos uma análise quantitativa dos dados históricos obtidos a partir de uma pesquisa de cunho Sociolinguístico. Observamos, então, como, ao longo do tempo, comportaram-se as variantes levando em consideração fatores externos, como o período no tempo e o tipo de texto, e internos à língua, como a qualidade da vogal e a presença ou não de coda. Testamos a significância das variáveis independentes, com a utilização do programa *Goldvarb X*.

Na subseção posterior, realizamos o tratamento do fenômeno presente na flexão verbal do português arcaico a partir do pressuposto teórico da Teoria da Otimalidade, modelo que prevê um ranking de restrições violáveis, de cuja avaliação resulta uma forma ótima, efetivamente realizada. É importante considerar que Schwindt reanalisa a Harmonia Vocálica do português moderno também dentro dos parâmetros da Teoria da Otimalidade, apontando já uma relação paradigmática entre as formas de primeira pessoa do presente do indicativo e todo o presente do subjuntivo, hipótese que foi considerada na investigação ao longo desta pesquisa.

## 2) O SISTEMA VOCÁLICO DO LATIM E DO PORTUGUÊS DO BRASIL

O sistema de vogais do português brasileiro é composto de sete fonemas, em posição de sílaba tônica, como se pode observar no quadro abaixo:

### 1. Quadro das vogais do português brasileiro

	Vogais		
	Anteriores	Central	Posteriores
Altas	i		u
Médias	e ɛ		o ɔ

---

<sup>1</sup> O que chamamos de “período arcaico” do português, “período de variação” e “período moderno”, correspondem, respectivamente, em Silva Neto, ao português trovadoresco, português comum e português moderno.

Baixa		a	
	Não arredondadas		Arredondadas

Nos demais contextos, isto é, em sílabas átonas, ocorre a neutralização. No caso das átonas finais, dissolve-se a oposição entre as vogais anteriores, por um lado, e posteriores, por outro, o que resulta num sistema de três vogais: a anterior /I/, a central /a/, e a posterior /U/. Já em posição pretônica, a oposição de altura entre as vogais médias desaparece, prevalecendo as médias altas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil e as médias altas no Norte e Nordeste<sup>2</sup>, de forma que o sistema é reduzido a cinco vogais, *i, e, a, o, u* ou *i, ε, a, ɔ, u*.

O sistema de vogais como vemos hoje no português têm sua origem no latim falado na România, que por sua vez era composto de dez unidades distintivas: as vogais *i, e, a, o, u* opunham-se não só qualitativamente, em relação à posição articulatória, mas também quantitativamente, de acordo com a duração, resultando num quadro de dez diferentes vogais em posição acentuada. As vogais latinas tônicas correspondem às sete vogais do sistema vocálico do português arcaico, que serão conservadas no português moderno, de acordo com o esquema abaixo:

## 2. Quadro da correspondência entre vogais latinas e vogais do português arcaico (SILVA, 2013)

Latim	ī	ĩ ē	ě	ā ā	ō	ō ũ	ū
Port.Arc.	i	e	ε	a	ɔ	o	u

Apesar desta aparente regularidade, ao longo da história da língua portuguesa, algumas mudanças fônicas atuaram alterando a previsibilidade desta regra geral. Uma delas é a *metafonia*, assimilação fonética da abertura devido à proximidade a outra vogal, esta geralmente em posição final. Como será apontado mais à frente, alguns autores compreendem o fenômeno de harmonia vocálica a partir do conceito de *metafonia*.

<sup>2</sup> A divisão a que nos referimos é uma análise bastante simples da distribuição das vogais médias nos contextos em questão, não correspondendo a uma visão apurada deste fato da língua. O intuito aqui é apenas explicitar, de forma não aprofundada, o sistema vocálico do português.

### 3) A HARMONIA VOCÁLICA

#### 3.1) Definição

Fenômeno fonológico que consiste no espreadimento de um traço de uma vogal para outra. Bisol (1981) realiza o estudo do fenômeno na fala gaúcha, mostrando o estatuto variável deste. Abaixo, seguem alguns dos dados da autora, a título de exemplificação:

f[o]rmiga ~ f[u]rmiga  
c[o]ruja ~ c[u]ruja  
v[e]stido ~ v[i]stido  
m[e]nino ~ m[i]nino

Nos verbos da língua portuguesa, a harmonia vocálica é aplicada a primeira pessoa do presente do indicativo e a todo o presente do subjuntivo dos verbos de 3ª conjugação e constitui uma regra categórica, isto é, não é variável. Entretanto, mostra-se, na passagem do português arcaico para o português moderno, uma regra variável, como veremos mais adiante.

#### 3. Tabela demonstrativa da harmonia vocálica verbal no português moderno

Presente do Indicativo (português moderno)	
3ª Conjugação VT: /i/	dorm[i]r > d[u]rmo *d[o]rmo Segu[i]r > s[i]go *s[e]go

Como podemos observar no quadro, há um espreadimento do traço de altura, isto é, harmonia vocálica, entre as vogais temáticas e as vogais radicais médias nos verbos portugueses na primeira pessoa do singular, do presente do indicativo.

#### 3.2 Estudos sincrônicos



Os trabalhos que serviram como base foram os de Harris (1974), Wetzels (1991) e Schwindt (2007). Harris, que segue a fonologia linear, observa o fenômeno em questão como resultante da aplicação consecutiva das regras de truncamento e harmonia vocálica. O trabalho de Wetzels, por sua vez, segue o modelo teórico chamado fonologia autosegmental. Na fonologia autosegmental, o segmento é divisível em traços que funcionam de forma autônoma. Em suma, um elemento fonológico é composto de traços hierarquizados. Já o trabalho de Schwindt se enquadra num modelo teórico Otimalista, já citado anteriormente e que também servirá como arcabouço teórico para a nossa pesquisa.

Os estudos sincrônicos descrevem o processo de mudança na altura da vogal do radical como consequência da harmonia vocálica entre as vogais dos radicais e as vogais temáticas das conjugações. Teremos, portanto, o processo de alteamento das vogais radicais dos verbos de 3ª e 2ª conjugação na primeira pessoa do singular do Pres. do Ind., ao mesmo tempo em que teremos o abaixamento para as outras pessoas desse mesmo tempo e modo. Tal abaixamento é determinado pelo que se chama de *Elsewhere Condition*, ou seja, uma condição geral que se aplica nos contextos onde nenhum outro fenômeno está ocorrendo.

### 3.2.1) Harris (1974)

Harris segue a Fonologia Gerativa Padrão, formulando regras que atuam ordenadamente. O autor identifica, no sistema verbal do português, dois fenômenos que afetam as vogais dos radicais, com exceção de /a/ ([+baixa]): a harmonia vocálica, que ocorre na primeira pessoa do singular do Pres. Ind., para os verbos de 2ª e 3ª conjugações, e em todo o Pres. Subj. dessas mesmas conjugações, e o abaixamento, que ocorre nas demais pessoas, no Pres. do Ind., desses verbos, que será resultado do *Elsewhere Condition* (cf. Kiparsky, 1973). Além disso, aponta a atuação de processos mais gerais, como o *truncamento* e a *neutralização*, separando-os, em sua análise, dos que atuam sistematicamente e especificamente sobre as vogais radicais. Ao separar tais processos, mais gerais, dos que atuam especificamente nas alternâncias das vogais rizotônicas,

Harris indica por que tais processos ocorrem em uns contextos e não em outros. Assim, o truncamento seria aplicado a toda a conjugação verbal, em formas em que a vogal temática é seguida por uma “vogal desinencial”, em que a primeira é apagada devido à regra. Já o padrão acentual e a neutralização, nessa perspectiva, são vistos de forma complementar. O padrão acentual das formas flexionadas dos verbos portugueses implica na acentuação da penúltima vogal, o que faz com que, por vezes, a vogal do radical seja acentuada, possibilitando a oposição entre as médias. A neutralização, por sua vez, é decorrente da aplicação da regra de acentuação, isto é, nos contextos em que o acento não recai sobre a vogal, atua a neutralização.

O autor verifica que a regra da harmonia vocálica determina que a vogal radical harmonize em altura com a vogal temática subjacente. Para demonstrar que há de fato harmonia vocálica nos contextos identificados, são apresentadas as oposições entre m[o]va x m[ɔ]vel e m[o]rra x m[ɔ]rte. Isto é, para determinar qual seria a vogal subjacente, Harris recorre aos radicais das formas nominais, uma vez que, no infinitivo, a vogal do radical é átona, neutralizando-se a oposição entre [e]/[ɛ] e [o]/[ɔ].

A motivação para a harmonia estaria na estrutura morfológica destes verbos, que pode ser explicada pelo fato de a vogal temática subjacente ser seguida por outra vogal. Assim, assume-se que as vogais –o (morfema de primeira pessoa do singular) e –a (morfema modo-temporal, referente ao presente do subjuntivo), ao antecederem a vogal temática subjacente, constituem o contexto em que a vogal temática desencadeia o processo de harmonia vocálica:

#### 4. Tabela demonstrativa da estrutura morfológica de verbos

	P1 sing. Pres. indicativo	Presente Subjuntivo
2ª conjugação	[[mov + e ] o]	[[mov + e] a + núm.-pess.]
3ª conjugação	[[serv + i] o]	[[serv + i] a + núm.-pess.]

Harris formula, então, a regra fonológica que descreve a aplicação da harmonia:

$$\left[ \left[ \begin{array}{c} V \\ \alpha \text{ round} \\ \alpha \text{ back} \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{c} - \text{ low} \\ <+ \text{ high}> \end{array} \right] / \text{_____} C \left[ \begin{array}{c} V \\ - \text{ low} \\ <+ \text{ high}> \end{array} \right] \right]_{10}$$

Ao especificar as vogais como *α round/ α back*, exclui-se da regra a vogal temática /a/ central. Assim, temos que vogais anteriores e posteriores tornam-se [-baixa] quando a vogal temática, especificada como [-baixa], antecede uma vogal qualquer. Por fim, temos que a vogal subjacente, que não se realiza na superfície devido ao truncamento, é o elemento que atua como gatilho da regra.

O ordenamento das regras, previsto na interpretação de Harris, é fundamental para compreender por que a harmonia ocorre. O truncamento, que não permite a realização fonética da vogal temática, só pode ser efetuado após a aplicação da regra de harmonia vocálica, caso contrário, não estaria presente o elemento que a desencadeia.

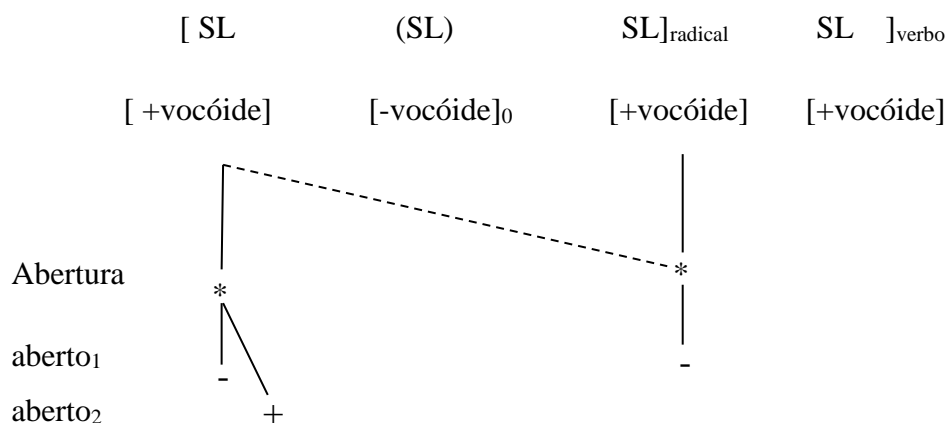
### 3.2.2) Wetzels (1992)

Nesse trabalho, a harmonia vocálica é vista a partir da fonologia autosegmental (modelo não-linear) e tem como base a proposta de Clements que distingue as vogais em posição tônica segundo três graus de abertura:

abertura	i / u	e / o	ε / ɔ	a
aberto <sub>1</sub>				
aberto <sub>2</sub>				
aberto <sub>3</sub>				

Assim como Harris (1974) e Mateus (1975), Wetzels identifica a harmonia vocálica como um caso de assimilação. Segundo o autor “Na fonologia auto-segmental cada caso de assimilação é descrito como um caso de espraçamento. Uma regra natural de assimilação envolve um simples espraçamento, que tanto pode ser o espraçamento de um traço terminal quanto de um nó de classe.”. Neste caso de assimilação há o espraçamento do traço de abertura, localizado no nó supralaríngeo, nos verbos cuja vogal temática antecede uma vogal (seja /a/ ou /o/, morfemas desinenciais de número-pessoa), na estrutura morfológica. A regra leva a um alteamento (não incluindo a vogal temática /a/),

de modo que a vogal média radical se torna média-alta, caso a vogal temática seja /e/, e alta se a vogal temática for /i/. Assim:



### 3.2.3) Schwindt (2007)

Em seu trabalho, Schwindt reanalisa a harmonia vocálica, dentro moldes da Teoria da Otimalidade, observando uma possível relação paradigmática com o presente do subjuntivo. Explica que há uma concordância entre vogal radical média e a vogal temática, quando se encontram em posição de hiato, através de um ranking, onde Agree, que requer a concordância de traços, está melhor posicionada que Ident-IO, que, por sua vez, pede a identidade entre os elementos dos *input* e do *output*.

Schwindt aponta para o fato de o fenômeno de harmonia estar diretamente ligado à posição do acento na forma verbal. No que diz respeito ao presente do indicativo, poderia ocorrer apenas para as formas rizotônicas, contexto onde as vogais do português estão em total contraste entre si. Apesar disso, no presente do indicativo, a harmonia só atua sobre a primeira pessoa do singular, quando as demais formas rizotônicas têm suas vogais abaixadas, como consequência da Elsewhere Condition<sup>3</sup>. Esta alternância, quando explicada a partir de análises derivacionais traria algumas problemáticas, devido a sua complexidade quando estabelecem como condições para a aplicação do fenômeno num

<sup>3</sup> Schwindt aponta “Lowering is the most general rule, as it applies to cases that do not undergo harmony. For this reason, it is ordered after harmony, as an effect of the Elsewhere Condition. It can be observed in the second and third person singular and in the third person plural of the indicative.”

sofisticado contexto morfofonológico em que se realizam dois elementos específicos: (i) a vogal temática tem de anteceder outra vogal (/a/ e /o/), o que resulta no encontro de duas vogais, a *hiatus position*; (ii) a vogal que é alvo da regra, isto é, a última vogal do radical, deve ser acentuada.

Além disso, o autor afirma que a regra fonológica não é capaz de explicar todos os casos em que há harmonia vocálica, como, por exemplo, as formas “sigamos” e “sigais”, primeira e segunda pessoas do plural (Pres. Subj.), que são harmônicas apesar de átonas.

A partir de testes de produtividade, o estudo de Schwindt teve como resultado que apenas 30,5% dos verbos inventados seriam harmonizados pelos falantes nativos. Questiona-se também a ideia de que a harmonia ocorre de fato para a 2ª conjugação, uma vez que a ocorrência de uma vogal média alta na primeira pessoa do singular do presente do indicativo poderia ser vista apenas como a preservação da vogal subjacente. Tal perspectiva restringiria a produtividade do fenômeno a verbos de 3ª conjugação.

A partir disso, verifica-se a possibilidade de relações paradigmáticas entre as formas harmonizadas do Pres. Ind., já que se observa sua aplicação em ambientes em que não deveria ocorrer, de acordo com a descrição tradicional, isto é, como nos já mencionados casos de “sigais” e “sigamos”. Tal fato é explicado a partir da existência de uma relação paradigmática entre estas formas. Para confirmar sua hipótese, o autor lança mão dos resultados de seus testes: em boa parte dos dados os falantes optaram por produzir no presente do subjuntivo a mesma vogal do presente do indicativo.

Temos a seguir o ranking proposto por Schwindt (2007):

##### 5. Tableau para o presente do indicativo

/seg + i + o/	Agree	Ident- IO
Ségo	*!	
ségo	*!	*
Sígo		*

Por fim, o autor enquadra a HV nos moldes da Teoria da Otimalidade, pressupondo que: (i) há uma relação paradigmática entre a 1ª pessoa do singular do Pres. Ind. e todo o Pres. Subj., de forma que, diferentemente de todas as outras formas verbais que toma o infinitivo como input, o subjuntivo terá como estrutura básica o radical da 1ª pessoa do singular do Pres. Ind. numa relação chamada output-output; (ii) a forma do infinitivo será a forma ideal de input.

Segundo o autor, um ranking em que competem duas restrições, *Agree* e *Ident-IO*, é responsável por fazer emergir um candidato harmonizado. *Agree*, que está melhor ranqueada, exige a concordância entre vogal média no radical s/e/g- e a vogal temática subjacente -/i/, o que desabilita as formas /ségo/ e /ségo/ por restringirem-na. Elege-se, assim, como *output* a forma /sigo/, que, apesar de desobedecer *Ident-IO* (não preserva a qualidade da vogal do *input* no *output*), não infringe *Agree*, melhor hierarquizada no *tableau*.

### 3.3) Estudos diacrônicos

Diversos autores tentaram, sob um ponto de vista diacrônico, explicitar e descrever o processo de alteamento da vogal do radical nos verbos de terceira conjugação do português no contexto da primeira pessoa do singular no presente do indicativo. Há um consenso entre eles que nos leva a conclusão de que há uma concordância de altura entre a vogal média do radical e a vogal temática do verbo.

Tais autores argumentam suas propostas embasando-se no sistema de evolução de vogais do latim clássico para o português moderno, em que vogais médias breves passariam a vogais médias abertas e vogais médias longas a vogais médias fechadas. Enquanto nas demais pessoas as vogais médias breves radicais dos verbos de 2º e 3º conjugações, no presente do indicativo, passaram, portanto, a vogais médias abertas, na primeira pessoa do singular.

Há também a hipótese de que o aumento na altura se dá devido à presença da vogal alta, o morfema de primeira pessoa, /U/, átono, que influenciaria no traço de altura da vogal tônica, fenômeno comumente chamado metafonía. Sob esse ponto de vista, a metafonía imporia sobre o quadro geral de evolução das vogais certa desordem.

O que temos é que, independente da combinação da vogal do radical com o sufixo /U/, aumenta-se um grau na altura da vogal do radical na primeira pessoa do singular e diminui-se um grau nas demais pessoas.

Vejamos :

1) mĩcěre , em que, de acordo com o quadro geral, ĭ deveria passar a [e].

m[e]xer

P1 m[e]xo

P2 m[ɛ]xes

P3 m[ɛ]xe

2) dēbēre, em que, de acordo com o quadro geral, ē deveria passar a [e].

d[e]ver

P1 d[e]vo

P2 d[ɛ]ves

P3 d[ɛ]ve

3) pěrděre, em que, de acordo com o quadro geral, ě deveria passar a [ɛ].

p[e]rder

P1 p[e]rco

P2 p[ɛ]rdes

P3 p[ɛ]rde

### 3.3.1) O que diz Williams (1975)

Em princípio, o autor afirma que no Português arcaico não havia ainda modificação radical na primeira pessoa para os verbos de 2º conjugação. Já para os verbos de 3º conjugação havia modificação na vogal do radical com o aumento de um

grau na altura em relação às outras pessoas. Tal aumento seria devido à ação do iode (vogal temática da 4ª conjugação que deu origem a 3º conjugação portuguesa).

Em seguida, na passagem do português arcaico para o português moderno, as vogais dos radicais desses verbos viriam a aumentar mais um grau. Assim, o [ɛ] da 2º conjugação passaria a [e] na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, e o [e] da 3º conjugação se fecharia mais um grau, tornando-se [i]. Tais modificações radicais na 2º e 3º conjugações seriam devido à (i) ação do iode, para a 2º conjugação portuguesa, (ii) ação do iode e metafonía, sucessivamente, para os verbos da 3º conjugação portuguesa.

Williams aponta ainda para o fato de que nos Cancioneiros Primitivos, por exemplo, essas formas, por ele chamadas metafônicas, eram raras. Aparecem poucas vezes no Cancioneiro da Ajuda (CA, I, nº 307). No Cancioneiro Geral são em maior número, porém não chegam a substituir as formas mais antigas.

Williams atesta também que alguns verbos latinos, cuja vogal radical era /ẽ/, vieram a dar origem a verbos com radical em -i, não só na primeira pessoa, mas também na segunda e terceira do singular e terceira do plural. Um exemplo disso é o verbo “agredir”, do latim *aggrēdēre*, para o qual temos *agrido*, *agrides*, *agride*.

Outro ponto importante é que, caso a sílaba seja travada por nasal, a vogal do radical não sofrerá modificação, permanecendo a mesma do radical e a mesma entre todas as pessoas. Seguindo essa linha de raciocínio, formas como “minto” e “sinto”, que anteriormente eram ditas “sento” e “mento”, tornaram-se por analogia “minto” e “sinto”, em que teríamos -ẽ que passa a ã.

Na 1º conjugação a metafonía não ocorre. A explicação seria a ação da analogia com as outras pessoas do presente do indicativo. Aí, podemos nos questionar: Por que tal analogia não ocorreu também com outros verbos de outras conjugações? O autor não esclarece muito bem este ponto.

Afirma também que verbos que sofreram modificação na consoante do radical não foram influenciados pela “metafonía”, por exemplo: *peço* e *posso*, oriundos dos verbos, *petire*, *potere*, respectivamente. Para esses, segundo Williams, existiriam formas mais antigas que obedeceriam à metafonía: *pido*, *mido*.

### 3.3.2) O que diz Nunes (1969)



Diz Nunes: “À ação da analogia na perturbação fonética verbal junta-se a da metafonía, da qual umas vezes resulta a assimilação de sons e provêm na maioria dos casos alterações na vogal do radical.” Desse pequeno trecho podemos tirar a conclusão de que, assim como Williams, Nunes atribui à metafonía um papel fundamental nas mudanças vocálicas radicais. Uma vez cumprido este papel de alteração, caberia à analogia a tarefa de “espalhar para as mais variadas formas verbais uma perturbação que antes caberia apenas a alguns casos”.

Segundo atesta Nunes, há na 1º conjugação abertura da vogal do radical em todas as pessoas, mesmo que tenham sido fechadas no latim. Já para os verbos de 2º e 3º Conjugações as vogais médias se fecham mesmo que na sua origem a quantidade da vogal latina não correspondesse à da vogal portuguesa. Por exemplo, temos *fervo* > *fêruêo*, *verto* > *uêrto*, *movo* > *möueo*.

Tal fato é dito por ele como consequência da influência da semivogal que pode ter-se dado por duas vias: pela via da fonética ou pela via da analogia; estando ela presente no primeiro caso e ausente no segundo. Já se o verbo tiver tema em -i, isto é, pertencer a 3º conjugação portuguesa, convertem-se o -e e -o radicais a -i e -u respectivamente.

Nunes chama atenção para dois fatos que teriam ocorrido no final do séc. XIV:

- (i) Confusão entre verbos que terminam em -ir, quando assimilou-se ao -i tônico do próprio infinitivo a vogal -e átona do radical, que a precedia, gerando formas como “correger” e “confonder”.
- (ii) Proferir como -u o -o átono da sílaba anterior, à tônica, e -i em lugar de -e, nas formas infinitivas dos verbos, passando-se a dizer “firir, pidir, durmir”.

Assim, teriam essas formas originado palavras como: *mido/ mides; pido/ pides; durmo/durmes*. Porém essas novas formas não fizeram desaparecer as antigas. Ao lado das formas modernas coexistiram as formas antigas, resultando numa concorrência dessas formas.

Teriam semivogal<sup>4</sup>, quando conjugados na primeira pessoa do singular (como *uideo*) os verbos da 2º Conjugação latina (que viriam a formar a 2º Conjugação

---

<sup>4</sup> Neste caso, a vogal temática -e tem no latim vulgar uma pronúncia de semivogal, em verbos como *uideo*. Posteriormente temos que *uideo* > *vejo*, o que parece indicar o caráter semivocálico do elemento nesta posição.

portuguesa) e os verbos da 4º Conjugação latina (que viriam a formar os verbos da 3º Conjugação portuguesa). Já os verbos da 3º Conjugação latina que não tinham semivogal originariamente passaram a tê-la, por analogia com os verbos da 2º Conjugação, aos quais se fundiram, e por analogia também com os verbos da 4º Conjugação.

Para Nunes, o desaparecimento da vogal temática, que se iniciou pela primeira pessoa, continuou exercendo influência na vogal do radical que a precedia. Além disso, há casos em que essa semivogal se manteve logo após a última consoante do radical “vindo depois a cair nuns e a deslocar-se noutros para junto da vogal tônica com a qual passou a formar ditongo que, ou desapareceu em virtude da analogia, ou perdura ainda.” Cita como exemplos: caibo, requeiro.

### 3.3.3) O que diz Cavacas (1921)

Cavacas propõe para a 1º Conjugação a não interferência da metafoia que ocorre para a 2º e 3º Conjugações. Na 2º e 3º Conjugações, o fator determinante para a alternância vocálica seria a vogal -i etimológica, que atuaria também por analogia, já que antes era posta antes da desinência -o de primeira pessoa.

A explicação para tal mudança seria, segundo Cavacas, “Uniformização da conjugação portuguesa baseada na igualdade das vogais do infinitivo, porque as vogais latinas ĕ, ē e ī, de um lado, ō, ō e ū, por outro, tiveram, quando átonas, evolução tanto para [e] quanto para [o], respectivamente.”

Sua opinião de que o iode, presente nas 2º e 3º Conjugações teria provocado o fechamento da vogal do radical é contestada por Williams, que diz que esse iode não pode atuar pelo fato de já ter desaparecido mesmo no momento em que a alteração se deu. Porém devemos chamar atenção para o fato de que, apesar de esse iode ter desaparecido, aparece em formas do subjuntivo para alguns verbos, como “querer”, “saber” e “valer”. Além disso, a vogal poderia ter-se fechado mesmo antes do desaparecimento do iode.

### 3.3.4) O que diz Vasconcelos (1930)

No seu texto “A metafonía na língua portuguesa”, a autora trata do fenômeno que aqui descrevemos tanto nos verbos quanto nos nomes. Chamamos atenção para a definição dada ao termo *metafonia*: “Meta-fonia [...] significa transformação, alteração do timbre: *Mutação* (Umlautung, Umtönung) da vogal tônica em vocábulos que do latim passaram para fases neo-latinas.”

A regra seria de permanecer tanto o acento quanto o timbre intactos, na passagem do latim para o português. Porém como tal fato não se deu sempre, havendo exceções, Michaelis postula que as consoantes vizinhas e as vogais postônicas influenciam nas tônicas. Ela atribui ao “a” e “o” finais papéis importantes no processo metafônico, uma vez que tais vogais atônicas, ao atuarem, ora em conjunto com o “i”, ora por si só, seriam responsáveis por desencadear tais efeitos de alteração nas vogais “o” e “e” radicais, tanto para os nomes quanto para os verbos.

Na primeira conjugação, a autora chama atenção para a forma oriunda do verbo a partir de derivação regressiva como, por exemplo, p[e]so a partir de p[e]sar, onde forma nominal se diferencia da forma flexionada do verbo “eu p[ɛ]so”. Com isto, acreditamos que a autora quer nos mostrar que, a partir de uma forma verbal no infinitivo, podemos ter diferentes resultados de uma combinação de timbre e acento. Nas formas apresentadas acima, o acento cai sobre o radical. Na forma nominal o timbre se mantém o mesmo da forma infinitiva, ao passo que na forma verbal flexionada há a abertura de timbre para a vogal média tônica do radical. Isto será explicado pela autora, que recorre ao conceito de metafonía .

Nos verbos, Michaelis aponta como principal influenciador do processo metafônico o “i” átono. Como já dito anteriormente, o iode esteve presente nas 2º e 4º conjugações latinas, onde tínhamos, para a P1 no presente do indicativo, -eo e -io, onde -o era desinência de P1. Em alguns casos, o -i fundiu-se à consoante anterior, dando origem a outra consoante, como em: *vejo, faço, ouço, tenho, venho*. Quando não houve tal fusão, diz a autora, houve uma atração do -i, onde este passou a figurar junto à vogal média, dentro do próprio radical, como em “*moivo, deivo, teimo, moiro*”. Em seguida, teria havido uma monotongação e respectivo fechamento da vogal do radical, originando formas como: “*m[o]vo, d[e]vo, t[ẽ]mo, m[o]rro*”. Michaelis conclui: “As 1as. pessoas têm portanto ê e ô fechado por causa do i. Na 2ª e 3ª, pelo contrário, temos ó e é aberto, por não haver *i* na terminação.”

#### 4) HARMONIA VOCÁLICA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Nesta seção, propomos uma investigação da correspondência diacrônica da harmonia vocálica nos verbos portugueses, atentando principalmente aos textos que remetem ao momento de transição do português arcaico (séc. XII ao séc. XVI) ao português moderno. O intuito é compreender qual mudança no ranqueamento de restrições, segundo a Teoria da Otimalidade, ocorreu durante o período de variação e motivou a sua aplicação no Português Moderno.

##### 4.1) O corpus

Iremos recorrer a textos que são datados de épocas posteriores ao século XII, de modo que possamos investigar a hipótese de ter sido, realmente, só no português moderno que esse processo morfofonológico se deu.

Os *corpora* estão divididos em três partes, que correspondem à divisão do português que julgamos necessária para a compreensão do fenômeno da mudança linguística observada. Assim:

##### (i) Período arcaico

- a) Documentação poética: cancionero medieval português (*Cancioneiros da Ajuda* [CA], *da Biblioteca Nacional* [CBN] e *da Vaticana* [CV])
- b) Prosa não literária: documentos jurídicos (*Testamento de Elvira Sanches* [TES], *Testamento de Afonso II* [TAII])

##### (ii) Período de variação

- a) Documentação poética: cancionero geral (CG), *Trovas de Bandarra* (TB)
- b) Prosa literária: crônicas de Duarte Galvão (*Crônica del-Rei Dom Afonso Henriques* [CAH]), Ruy de Pina (*Crônica del-Rei D. Dinis* [CRD], *Crônica del-Rei Afonso III* [CRAIII]), Fernão Lopes (*Crônica del-Rei D. Pedro I* [CRPI], *Crônica del-Rei D. João I* [CRJI])

(iii) Período moderno

a) Documentação poética: *Os lusíadas* (L) de Camões

b) Prosa literária e não literária: Gramática de João de Barros (GJB), cartas oficiais de D. João II, *História da Província de Santa Cruz* (HPSC) de Pero Magalhaes Gândavo, *Da pintura antiga* [PA] de Francisco de Holanda, *Peregrinação* (P) de Fernão Mendes Pinto

No português moderno, a harmonia vocálica pode ser considerada uma regra categórica, pois não encontramos nos dados formas de primeira pessoa do singular não harmônicas nos contextos de Presente do Indicativo. Por outro lado, em grande parte do português arcaico, não eram frequentes as formas verbais harmonizadas. Mostraremos, nesta seção, quais eram os padrões alternativos à harmonia vocálica. Para tanto, teremos como ponto de partida um corpus do português arcaico composto por ocorrências de verbos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo encontradas nos textos já citados.

#### 4.2) Dados obtidos

Para melhor compreensão das formas verbais encontradas no corpus, elaboramos um quadro sinóptico e uma organização dos dados em três diferentes padrões que nos facilitarão a inserção dos dados, principalmente, na análise formal. A datação corresponde apenas às formas escritas somente em fonte itálica. As formas sublinhadas têm sua datação nas observações. Já as formas entre parênteses são inferidas, de acordo com a sistematicidade pressuposta no fenômeno, que é apontada no trabalho de Schwindt (2007).

#### 6. Quadro Sinóptico dos dados obtidos a partir dos *corpora*

1ª p. sg. Pres. Ind.	Infinitivo	Pres. Subjuntivo	Século	Observação
<i>dórmio</i> > <u><i>durmo</i></u>	<i>dormir</i>	<i>dórmia</i>	XIII	A forma “durmo”, mais posterior, aparece apenas na GJB (séc. XVI)
<i>sérvio~sirvo</i> > <u><i>sirvo</i></u>	<i>servir</i>	<i>sérvia</i> > <i>sirva</i>	XIII- XIV	As variantes na 1ª pessoa aparecem nas cantigas de um mesmo trovador, tendo a segunda raras ocorrências. Já na GJB, somente “sirvo” aparece e “sirva” tem ocorrência na CRD (séc. XV)
<i>senço~sento</i> > <u><i>sinto</i></u>	<i>sentir</i>	<i>sença</i> > ( <i>sintamos</i> )	XIII	A forma “sintamos” aparece apenas no séc. XVI, na GJB. A variante “sento” é encontrada no início do séc. XVI em TB, ao lado de “sinto”, que também ocorre no CG.
<i>menço</i>	<i>mentir</i>	<i>mença</i>	XIII	
<i>Moiro</i>	<i>morrer</i> (morir)	<i>moira</i>	XIII- XIV	“moira” ocorre também TA II (séc. XIII)
(feiro)	<i>ferir~firir</i>	<i>feira</i>	XIII	A variante de infinitivo “firir” é encontrada na GJB.
<u><i>Offeyro</i></u>	<i>offerir</i> > <u><i>oferecer</i></u>	( <i>offeira</i> )	XII	“offeyro” é encontrada no TES (séc. XII). “oferecer” mais

				posterior, tem 2 ocorrências, na CRD.
--	--	--	--	--

Podemos generalizar as informações apresentadas em três padrões, seguidos das respectivas formalizações:

- (i) “sêrvio/a, dórmio/a”
- (ii) “moiro/a, offeyro/a, feiro/a”
- (iii) “senço” e “menço”

No primeiro padrão observamos que a vogal temática mantém a posição original da estrutura morfológica, isto é, após o radical e antes do sufixo número-pessoal. Em termos formais, CVC.Cir → CVC.Cio/a. No padrão (ii), ocorre a metátese da vogal temática, que passa da sua posição original ao radical, ou seja, CV.Cir → CVi.Co. Por último, o padrão em (iii) aponta para a passagem da sequência de segmentos /ti/ a /s/, devido ao espriamento do traço [+contínuo] da vogal /i/ para a consoante antecedente, implicando que CVN.tir → CVN.so.

#### 4.3) Análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos a partir da pesquisa dos textos que compõem os períodos arcaico, médio, e moderno do português, nos utilizaremos do mecanismo da análise quantitativa, de acordo com os princípios metodológicos da sociolinguística quantitativa, num primeiro momento, e, em seguida, estudaremos os dados à luz da Teoria da Otimalidade, cujos fundamentos teóricos explicitaremos na seção correspondente.

##### 4.3.1) Análise Quantitativa

Nesta seção, produziremos a análise quantitativa dos dados históricos obtidos a partir de uma pesquisa de cunho sociolinguístico. Observamos como se comportaram as

variantes levando em consideração tanto fatores externos quanto fatores internos à língua. Testamos a significância das variáveis independentes na tentativa de explicitar como se deu a variação linguística que aparentemente foi desencadeada no século XV.

A variável dependente investigada é a realização da vogal média do radical verbal de 3ª conjugação nos contextos de primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo e em todo o Presente do Subjuntivo, que pode se dar através do alteamento da vogal média, o que se chama Harmonia Vocálica, ou pela manutenção da sua altura original.

- Variante 1) Harmônica: “E, dádó que â sintamos na proloçám da vóz,” (*Gramática da língua portuguesa* de João de Barros)
- Variante 2) Não harmônica: “porque vos eu sempre servi e sérvio muit'e nom mi val” (B973)

Em relação às variantes independentes, para melhor investigar o que possivelmente teve influência na variação, recorremos tanto a fatores internos à língua, a qualidade da vogal do radical e a presença ou não de coda na sílaba em questão, como ao tipo de texto (prosa ou poesia) em que ocorrem as variantes, fator externo.

7. Tabela referente aos resultados da atuação das variantes independentes no período de variação

	N/Total	%	Peso Relativo
<b>Qualidade da Vogal</b>			
Média Anterior	<b>42/60</b>	<b>70%</b>	<b>0,65</b>
Média Posterior	<b>6/17</b>	<b>35%</b>	<b>0,09</b>
<b>Travamento Silábico</b>			
Presença de coda	<b>28/44</b>	<b>63%</b>	<b>0,34</b>



Ausência de coda	<b>20/33</b>	<b>60%</b>	<b>0,69</b>
<b>Tipo Textual</b>			
Prosa	<b>17/19</b>	<b>89%</b>	<b>0,85</b>
Poesia	<b>31/58</b>	<b>53%</b>	<b>0,36</b>
<b>Totais</b>	<b>48/77</b>	<b>62%</b>	<b>Input: 0,67</b>

É possível supor que a harmonia vocálica, que aparece, em maior volume de dados, a partir do século XV e que se tornou categórica nos contextos estudados no português moderno, teve como origem um processo de variação entre as formas harmônicas e não harmônicas, encontradas no final do século XV.

O estudo das ocorrências aponta para a possibilidade de uma forte influência do fator Prosa na aplicação da regra de harmonia. Tal fato pode ter se dado devido à característica “arcaica” da língua poética, já apontada por Silva Neto (SILVA NETO, 1979: 404), e que provavelmente permitiu uma maior força da variante harmônica na Prosa, em comparação com a Poesia. Dessa forma, pode-se dizer que a poesia foi muito mais conservadora que a prosa, que apontava a mudança que viria a ocorrer mais tarde.

Internamente à estrutura linguística, fatores como ausência de coda e vogal média anterior parecem favorecer a aplicação da regra.

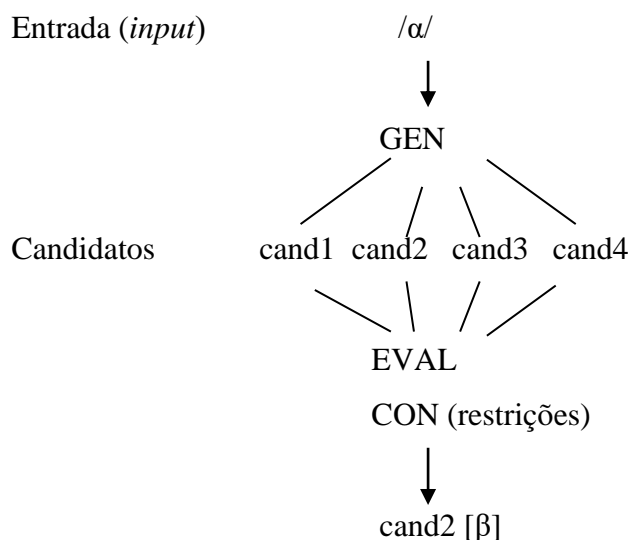
#### 4.3.2) Análise segundo a teoria da Otimalidade (TO)

Na fonologia gerativa padrão, um processo fonológico como a Harmonização Vocálica poderia ser explicado como a aplicação de uma regra, pressupondo uma gramática estável e sem variação. Neste caso, a descrição estrutural aponta para a existência de um elemento que funciona como gatilho para a aplicação da regra e a transformação (num dado contexto).

Enquanto na fonologia gerativa padrão a mudança era explicada por uma alteração no ordenamento de regras na história da língua, na TO, poderíamos explicar o fenômeno de outra forma: uma restrição que antes não era priorizada na língua ganha status, enquanto outra, que antes era bem ranqueada perde status. Há, portanto, uma mudança na hierarquia das restrições. Isto porque no modelo teórico otimalista, há um

*ranking* de restrições violáveis, de cuja avaliação resulta a forma ótima, efetivamente realizada, de acordo com o esquema abaixo:

#### 8. Esquema de funcionamento do pressuposto teórico da Teoria da Otimalidade



Segundo a definição de Thais Cristófaros em seu dicionário de Fonética e Fonologia, “A TO rompe com a noção de regras estruturais e propõe que a gramática fonológica consiste da interação de restrições violáveis, que seriam universais. O ranqueamento das restrições é específico de cada língua, é determinado avaliando-se as relações de fidelidade e de marcação entre as realizações fonéticas (*outputs*) possíveis em competição e as representações fonológicas”. Ou seja, o *output* é a representação de superfície, possível dentro do grupo de dados, e o *input* é a forma de base, isto é, a estrutura morfofonológica subjacente.

A arquitetura da gramática na OT tem: o GEN (*generator*, ou simplesmente gerador) e o EVAL (*evaluator* ou avaliador). O GEN tem como função gerar candidatos a *outputs*, dentro do sistema da língua. Apenas um será efetivamente realizado, enquanto os demais serão eliminados pelo EVAL. O EVAL, por sua vez, avalia qual ou quais os candidatos que melhor são admitidos na língua de acordo com um terceiro componente, o conjunto de restrições (CON, ou *constraints*). EVAL exclui os itens inaceitáveis de acordo com as restrições que estão estruturadas numa hierarquia. Conforme aponta Cagliari (2002), “as restrições não são ‘regras’ mas descrições

estruturais de boa formação. A TO é gerativa (tem *input-output*), mas não é derivacional nem transformacional, apenas avaliativa”. Como as restrições estão organizadas hierarquicamente, a violação de uma restrição pode ser aceita caso o candidato não viole as restrições que estão mais bem posicionadas no *ranking*.

Neste momento, além da compreensão do funcionamento da Teoria da Otimalidade, é importante que façamos também a distinção entre restrições de fidelidade e restrições de marcação. Na TO, os princípios e restrições são sugeridos a partir das características das línguas naturais, e quanto mais abrangente for a aplicação de um princípio ou quão mais satisfatoriamente uma restrição der conta da explicação de um determinado *output* mais completa e simples é a análise. Tendo isto em vista, pode-se dizer que o conjunto das restrições de fidelidade tem a característica de não permitir que *output* seja diferente do *input*, garantindo a identidade entre a estrutura subjacente e a estrutura de superfície. Por outro lado, as línguas possuem naturalmente determinados padrões fonológicos que são evitados pelos falantes, que “optam” por outras estruturas, menos marcadas na fonologia da língua em questão. As restrições que dizem respeito a estas preferências são as restrições de marcação, que buscam evitar *outputs* marcados fonologicamente nas línguas.

Para explicar a mudança em uma língua, a Teoria da Otimalidade propõe a ideia de que restrições podem, ao longo do tempo, ser demovidas ou promovidas. Caso seja demovida, a restrição perderia importância dentro da hierarquia da língua. A suposição é que uma restrição que, durante o português arcaico, tinha uma posição baixa na hierarquia ascende na hierarquia de restrições no português moderno. Tal mudança faz com que um candidato a *output* que antes ocupava baixa posição na hierarquia de restrições passe a ser prestigiado e, portanto, realizado.

Partindo do pressuposto de que no latim clássico os dados do *input* estavam plenamente presentes no *output*, no caso da estrutura morfológica dos verbos aqui estudados, podemos supor que as restrições de fidelidade permaneciam no topo da hierarquia. Já no latim vulgar, que deu origem ao português, bem como às demais línguas românicas, iniciou-se um processo de mudança nessa hierarquia, de modo que as restrições de marcação iriam substituir as posições antes ocupadas pelas restrições de fidelidade, ou seja, as restrições de marcação poderiam ser promovidas.

Portanto, foi em algum momento na passagem do Português Arcaico para o Português Moderno que temos na estruturação morfofonológica dos verbos de 2º e 3º

conjugações a harmonização vocálica atuando para a 1<sup>o</sup> pessoa do singular do presente do indicativo.

Como observamos a partir dos dados obtidos, havia no Português Arcaico três possíveis alternativas à harmonização vocálica: os padrões (i), (ii) e (iii), que atuam em três diferentes tipos silábicos. Vejamos como *ranking* de restrições proposto na análise atua em cada um dos tipos silábicos:<sup>5</sup>

#### 9. Tableau para o padrão (i)

/serv+i+o/	WtoS	R.M.	*Complex <sup>coda</sup>	*Hiatus	Agree
☞ a. servio				*	*
b. seirvo			*!		*
c. sirvo		*!			
d. servo		*!			*

#### 10. Tableau para o padrão (ii)

/fer+i+o/	WtoS	R.M.	*Complex <sup>coda</sup>	*Hiatus	Agree
☞ a. feiro					*
b. ferio	*!			*	
c. fírio	*!			*	
d. firo	*!	*			

#### 11. Tableau para o padrão (iii)

<sup>5</sup> Listagem de restrições utilizadas: WtoS (Weight-to-Stress, estabelece que toda sílaba pesada é acentuada), R.M. (Realize Morpheme, exige que os elementos mórficos presentes no *input* sejam reproduzidos no *output*), Complex<sup>coda</sup> (proíbe a formação de grupos consonantais dentro de uma sílaba), Hiatus (proíbe duas vogais contíguas), Agree (exige a concordância de altura entre a vogal na raiz do verbo e a vogal temática).

/sent+i+o/	WtoS	R.M.	*Complex <sup>coda</sup>	*Hiatus	Agree
☞ a. senso					*
b. seinto			*!		*
c. sentio				*!	*
d. sento		*!			*

A partir desta hierarquia de restrições, em que WtoS está bem posicionada, contemplamos a característica prosódica dos três padrões encontrados, cujos acentos recaem sobre a sílaba mais pesada. Além disso, R.M., também bem ranqueada, impede *outputs* em que o morfema vogal temática não se realiza. No tableau 9, observamos o padrão (i), em que todos os elementos morfológicos se realizam no nível fonológico de acordo com a estrutura morfológica. Os candidatos *c* e *d* infringem R.M. e são desconsiderados. Dentre os candidatos *a* e *b*, *a* tem melhor desempenho já que *b* desrespeita \*Complex<sup>coda</sup>, melhor posicionada que \*Hiatus e Agree, restrições que *a* viola. Já em 10, apresentamos o tableau referente ao padrão (ii), que em sua estrutura realiza o morfema vogal temática a partir da sua transposição para a sílaba anterior. Assim, vemos que *b*, *c* e *d*, por não desobedeceram WtoS, são desclassificados diante de *a*, que a partir da metátese do elemento mórfico confere peso à sílaba do radical, tornando-a acentuada. Por último no tableau apresentado em 11, observamos o desempenho do candidato realizado de acordo com o padrão (iii) encontrado. Neste caso, o candidato *a* viola apenas Agree, já que não desrespeita WtoS, pois ocorre a assimilação do traço de contiguidade entre a vogal temática /i/ e a consoante adjacente /t/, que se realizam como o segmento /s/. Nenhum dos candidatos viola a restrição melhor ranqueada, WtoS, porém os candidatos *d*, *b* e *c* infringem R.M., \*COMPLEX<sup>coda</sup> e \*Hiatus respectivamente, de modo que *a* vence a rodada e emerge como *output*.

## 5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos algumas perspectivas acerca do fenômeno fonológico de harmonia vocálica que ocorre nos verbos do português moderno.

Recorrendo à literatura, observamos que, além da descrição oferecida por autores como Williams (1975) e Nunes (1969), é possível compreender o processo de acordo com os preceitos da fonologia gerativa padrão, tal como faz Harris (1974), ou a partir dos preceitos da fonologia autosegmental e Teoria da Otimalidade, como fazem Wetzels (1992) e Schwindt (2007), respectivamente.

Ao verificar a produtividade da harmonia vocálica nos dados encontrados no nosso *corpora* referente ao período arcaico do português, notamos que nesta fase do português o fenômeno não tinha, inicialmente, forte ocorrência, constituindo assim uma característica do português moderno. Nesse sentido, nosso objetivo foi, além de que ressaltar o processo de mudança, observando o viés histórico, que levou a alteração na produção do elemento vocálico do radical e de propor um caminho de compreensão das estruturas morfológicas alternativas a este fenômeno que tinham ocorrência neste momento da língua portuguesa, recorrendo à Teoria da Otimalidade.

A partir da investigação segundo um olhar histórico dos dados presentes nos *corpora*, podemos apontar para a suposição de que a harmonia vocálica, que veio a se tornar categórica nos verbos de terceira conjugação do português moderno, originou-se num processo de variação que teria se dado ao longo do século XV. As variáveis independentes que poderiam ter influenciado com maior força na ocorrência das formas harmônicas seriam, em relação a fatores externos à língua, a prosa, como tipo textual, já que essa permite, em comparação à poesia, maior inventividade na língua, como afirma Silva Neto (1979), fato que fica indicado se observarmos a tabela de significância referente ao momento de variação do português. Além disso, no que diz respeito à estrutura interna da língua, a ausência de coda se destaca como outro fator com relevância para a produção da variável dependente. Já no que se refere à qualidade da vogal, a presença de uma vogal média anterior no radical dos verbos destaca-se como uma variável independente de relevância para o fenômeno.

Por outro lado, ao aplicarmos a o aparato teórico da Teoria da Otimalidade para a compreensão dos padrões alternativos à harmonia vocálica existentes no português arcaico, nos aproximamos da proposta de Schwindt, porém dando enfoque a outro momento da língua. No português arcaico, como vimos no capítulo anterior, apresenta três padrões alternativos à harmonia vocálica, isto é, padrões que não realizam a concordância morfofonológica entre a vogal do radical e a vogal temática de terceira conjugação, nos contextos estudados. Os três padrões alternativos resultavam de três diferentes tipos silábicos. A não presença (ou baixíssima produtividade) da harmonia

vocálica no português arcaico sugere a interação de uma restrição de marcação (WtoS), já que os dados possuem acento na primeira sílaba, e a restrição de fidelidade (R.M.), que preserva a vogal temática na estrutura verbal. Além disso, como fica demonstrado na hierarquia de restrições, ao observarmos os *tableaus* 7, 8 e 9, *Agree*, que no trabalho de Schwindt está posicionada no topo da hierarquia de restrições do português moderno, tem pouca força no *ranking* do português arcaico. Os três padrões apresentados têm em comum, portanto, o peso na sílaba tônica e a manutenção no *output* da vogal temática subjacente.

## 6) BIBLIOGRAFIA

- BISOL, Leda & SCHWINDT, Luiz Carlos. *Teoria da Otimalidade – fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- CAVACAS, Augusto d’Almeida. *A língua portuguesa e sua metafonía*. (Fac-símile, 1920) Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 1992.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica – Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- GUY, Gregory Riordan. ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HARRIS, James W. *Evidence from Portuguese for the “Elsewhere Condition” in Phonology*. Linguistic Inquiry, vol. 5. Nº 1, p. 61 – 80. 1974.
- NUNES, J.J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1969.
- SCWINDT, Luiz Carlos. *Paradigmatic correspondences in the Brazilian Portuguese verbal vowel system*. Acta Linguistica Hungarica, vol. 54. p. 393-40. 2007
- SILVA, Rosa Virgínia Matos e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. 2ª ed. São Paulo: Contexto. 2013.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença. 1979.
- TARALLO, Fernando. *Tempos Linguísticos – Itinerário Histórico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- VASCONCELOS, Carolina M. ed, *A metafonía na língua portuguesa*. Revista Lusitana, 28: 16-20, 1930.
- WETZELS, W. L. *Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: uma análise auto-segmental*. Caderno de Estudos Linguísticos, p. 25-28.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao Português*. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1975.
- <http://www.cantigas.fcsh.unl.pt/>
- <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>
- <http://www.gutenberg.org/>